Michael Reeves

Deleitando-se na Oração

Deleitando-se na oração

Michael Reeves

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Monergismo
Brasília, DF, Brasil
Sítio: www.editoramonergismo.com.br

1ª edição, 2016

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Revisão: Rogério Portella

“Que Michael Reeves nutra e encoraja a sua vida de oração! Recomendo vivamente este livro a você.”

— Paul E. Miller
Autor, *O poder de uma vida de oração*

Prefácio à edição brasileira

Por séculos os cristãos têm discordado entre si acerca de diversos assuntos: modo de batismo, sujeitos do batismo, tipo de governo eclesiástico, milênio etc. Contudo, há um ponto de concordância entre quase todos os cristãos verdadeiros: oramos pouco, e com frequência não oramos como convém.

Não raro, nossas orações são "pesadas", mecânicas e difíceis de articular. Carecemos de disposição, dedicação, regularidade e fervor. Mas, acima de tudo, falta-nos *deleite* na oração. Na verdade, essa é a *raiz* de todos os males quando se fala sobre a oração. Não oramos, pois não temos prazer em exercer o privilégio glorioso de falar com o Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. Não desejamos adentrar na comunhão que a bendita Trindade desfruta e sempre desfrutou antes dos tempos eternos.

Embora haja vários livros excelentes sobre oração, mesmo em português,[1] poucos me ajudaram tanto como este belo livreto de Michael Reeves. Já usei as pérolas espalhadas nestas poucas páginas em diversos estudos que ministrei sobre oração. E todas as vezes que o reli, fui abençoado e encorajado.

Com certeza a oração é um mandamento dado por Deus. Devemos orar sem cessar (1Ts 5.17). O cristão que não ora é uma contradição de termos. Afinal, para aquele que nasceu de novo, os mandamentos de Deus não são um peso (1Jo 5.3)!

Meu desejo e oração é que Reeves mostre a você o que revolucionará sua vida de oração: orar deve e pode ser uma grande fonte de prazer e deleite — além de ser um mandamento. Parafraseando o grande John Piper: "Não desperdice sua oração!".

— Felipe Sabino de Araújo Neto
Brasília-DF, 24 de dezembro 2015

1. O PROBLEMA COM A ORAÇÃO

Não se trata de uma nova revelação, mas infelizmente a maioria de nós não é boa em orar. Eis o estado do cristianismo ocidental neste momento, e ele é preocupante. Parece que mesmo os líderes eclesiásticos não comungam muito com Deus. Como suas igrejas e grupos pequenos podem ser saudáveis nessa situação? O temor é que lentamente se desenvolvam paralelos como a igreja de Corinto. Ali, por meio das cartas de Paulo, vemos os líderes da igreja se elogiando, apresentando a palavra de Deus de forma insincera, e sendo carnais e não espirituais, orgulhosos, hipócritas e competitivos. Sua vida de oração era vergonhosa, pois claramente o amor a Cristo e a dependência dele foram eclipsados pelo amor e pela dependência de si mesmos. A vida sem oração sempre anda de mãos dadas com a falta de integridade cristã. Isso é ainda mais verdadeiro em relação aos líderes cristãos — para ser franco, se eles não desfrutam da comunhão com Deus, então vendem um produto sem crer nele de verdade. Tudo isso é agravado pelo fato de a importância e a urgência do que eles fazem poder, de forma irônica, degenerar em murmuração arrogante (e eu sei com que facilidade), tornando-os um bando de Martas (v. Lc 10.38-42). Assim, embora lutem para ser bem-sucedidos na vida e missão cristã, há um vácuo no tocante à sua comunhão verdadeira com Deus. Ora, quero enfatizar que estou falando como um fracassado a outro fracassado. Todavia, à luz dessa real preocupação sobre nossa falta de oração, espero que este livro seja um refrigério e um bálsamo — talvez até um pontapé inicial! — para nossa vida de oração.

2. O QUE É ORAÇÃO?

Precisamos pensar primeiro sobre o que exatamente é a oração. Isso pode parecer bobagem, mas acho que a confusão sobre a definição é a causa real de grande parte da nossa dificuldade. Na verdade, é muito fácil pensar e falar sobre oração como se ela fosse algum exercício abstrato — uma daquelas "coisas que os cristãos fazem". E, dessa forma, podemos pensar: como posso melhorar nessa coisa chamada oração? Ora, se você pensa na oração dessa forma, como uma coisa em si mesma, a solução para a vida melhor de oração sempre consistirá em dicas e técnicas práticas. Assim, por exemplo, você terá um diário de oração, baixará um aplicativo com a lista de oração para o celular, tentará orar em voz alta, e terá o momento de silêncio como a primeira coisa na manhã. Menciono especificamente essas coisas, pois penso que lembretes como esses constituem ajuda genuína… no devido lugar. Contudo, esse não é o cerne da oração. Além do mais, se essas técnicas o mantêm orando, então isso se tornará um dever pesado — ou talvez algo parecido com mágica, em que você pensa obter o que deseja se pronunciar o "feitiço" da forma correta. (E se não conseguir a resposta desejada, começará então a questionar se essa "fórmula" mágica realmente funciona). O Senhor diz a Israel: "Este povo se aproxima de mim e me honra com os lábios e com a boca, mas o coração deles está longe de mim" (Is 29.13*a*). Dessa forma, a oração não é algo abstrato, pois sem dúvida você pode "fazer" uma oração e sair tudo errado. Há algo vital por trás de todo esse pragmatismo. Assim, o que é oração? Ninguém fez uma afirmação melhor a respeito disso que João Calvino, no excelente e pequeno capítulo sobre a oração nas *Institutas da religião cristã*, quando designa a oração "o principal exercício da fé". Em outras palavras, a oração é a forma primária pela qual a fé verdadeira se expressa. Significa também que a vida sem oração é ateísmo prático, demonstrado na falta da crença em Deus.

3. SOCORRO!

Embora eu diga que é excelente definir a oração como “o principal exercício da fé”, minha primeira reação a isso é pensar: Ó, meu Senhor, quão infiel eu sou! Quão sem fé eu sou!

Em certo sentido, sua vida de oração é bastante reveladora: ela mostra quem você é de fato. Mesmo com toda a sua conversa e teoria sobre a fé — você pode afirmar a verdade da oração e saber *que* Deus é bom — mas sua vida de oração revela o quanto você deseja *de fato* a comunhão com Deus e o quanto você *realmente* depende dele. Enfatizo que a falta de oração *não* diz respeito à sua segurança como filho de Deus, que jamais será rejeitado, mas isso lhe diz, com muita precisão, como você não passa de um bebê em sentido espiritual, o quão hipócrita você é, e o quanto você ama o Senhor de verdade. Assim, se sua tendência é considerar a si mesmo maravilhoso, apenas se lembre de sua vida de oração.

Mas não desanime! Sim, isso significa que você precisa aprender a orar. Mas se a oração é “o exercício principal da fé”, então, sem dúvida, você é por natureza um lixo na oração, pois a falta de fé lhe é algo natural. Sendo a oração “o exercício principal da fé”, então sem dúvida tudo — o mundo, a carne e o Diabo — conspira contra a oração. Isso significa que você não é o esquisito em luta com a oração, e essa não é a *sua* vergonha secreta — talvez o seja o medo paralisante. Você é apenas um pecador, inclinado por natureza à vida sem fé e oração. Todos nós somos pecadores. E você sabe quem é o amigo dos pecadores: Jesus!

4. SOMOS TODOS PECADORES

Acho muito fácil me esquecer da dinâmica básica do evangelho e então me perguntar o que estou perdendo na oração, em particular quando penso na oração como um exercício abstrato. Considero este ponto o local em que podemos ficar desanimados com as histórias terríveis de "pessoas que oravam muito". Você já ouviu, por exemplo, a história apócrifa de Martinho Lutero? Aparentemente ele foi questionado sobre o que estaria fazendo no dia seguinte e respondeu: "Trabalho, trabalho desde cedo até tarde da noite. De fato, tenho tantos afazeres que passarei as primeiras três horas em oração". Contos como esses nos fazem tremer, pois não somos desse jeito.

Assim, para provar que somos *todos* pecadores, e, portanto, naturalmente terríveis em relação à oração, eis uma citação real de Lutero para consolá-lo. No momento mais ocupado de sua vida ele escreveu ao amigo Filipe Melâncton:

> Você me exalta demais… Sua alta estima a meu respeito me envergonha e me tortura, visto que — infelizmente — assento-me aqui à vontade, endurecido e insensível — ai de mim! —, orando pouco, lamentando pouco pela igreja de Deus. Em resumo, eu deveria ter o espírito ardoroso, mas eu queimo na carne, lascívia, preguiça, no ócio, na sonolência. Já se passaram oito dias em que nada escrevi, não orei nem estudei; isso se deu em parte por causa das tentações da carne, e em parte porque sou torturado por outros encargos.[2]

Mesmo Lutero, um homem que valorizava muito a oração, era uma pessoa real, um pecador real. Todos nós somos pecadores.

5. A ORAÇÃO BROTA DA PALAVRA DE DEUS

Vamos deixar Lutero e voltar a Calvino e sua definição: a oração é o principal exercício da fé. Ora, sendo isso verdade, o que nos ajudará, pecadores, a orar? Lembre-se: a oração é questão de fé. Assim, de onde vem a fé? Ela procede da audição a Palavra de Deus. Como Paulo escreveu: “Portanto, a fé vem pelo ouvir, e o ouvir, pela palavra de Cristo” (Rm 10.17). A fé — e também, a oração — é gerada pelo evangelho. Esse é o motivo pelo qual a Escritura e a oração são colocadas juntas tantas vezes.

Vemos essa conexão ilustrada por Daniel. À medida que ele estava lendo o livro de Jeremias, sua percepção o levou a orar:

> No primeiro ano de Dario, [...] eu, Daniel, entendi pelos livros, segundo o que o SENHOR havia falado ao profeta Jeremias, que as desolações de Jerusalém durariam setenta anos. Então voltei o rosto ao Senhor Deus, para buscá-lo com oração e súplicas, com jejum, com pano de saco e cinzas. (Dn 9.1-3)

É a Palavra de Deus, a mensagem graciosa de Cristo, que desperta a fé e também a oração — e assim deve ser a estrutura básica da nossa comunhão diária com Deus. Precisamos colocar Cristo diante de nós. Isto é, ouvir a palavra de Jesus na Escritura, no cântico, por meio de nossos irmãos e ao nos fazer recordar enquanto o louvamos. Devemos desejar que nossos olhos sejam abertos para contemplarmos a beleza do Senhor e para que sejamos atraídos de novo a fim de desejá-lo — e então a oração será apenas a articulação da resposta do nosso coração. Para resumir o que descobrimos até aqui, a oração é o principal exercício da fé. Naturalmente somos péssimos na oração porque somos pecadores. Todavia, a solução — o que nos dará a verdadeira vida de comunhão real com Deus — é o evangelho de Cristo, que desperta a fé.

6. ORANDO COMO JESUS

Aqui chegamos à porta mágica. Quando você se dirige a Jesus, a oração muda. A intimidade nos impossibilita enxergar essa maravilha, mas há algo extraordinário a respeito de Jesus. Jesus é o Senhor; ele é Emanuel, o Deus conosco. Mas *nosso Senhor e Deus ora*. De fato, ele está sempre orando. Quando alegre, ele orava; em agonia, orava; ao tomar decisões importantes, como a escolha os apóstolos, passou um bom tempo em oração. Sua oração inspirou os discípulos a pedir: “Senhor, ensina-nos a orar” (Lc 11.1).

Todavia, as orações de Jesus não são apenas importantes porque ele orava na terra como modelo humano. Não, ele também demonstrava quem é em sentido eterno. João nos diz: “Em verdade, em verdade vos digo que o Filho nada pode fazer por si mesmo” (Jo 5.19*a*). O Filho sempre depende do Pai; isto é o que ele é eternamente. Para ele, tudo procede da comunhão com o Pai. Dessa forma, por toda a eternidade ele desfrutou de comunhão com o Pai e orou a ele.

O Filho, então, é o principal modelo da pessoa que ora bem. E a salvação trazida por ele é a compartilha da comunhão com seu Pai. *Orar significa aprender a desfrutar o que Jesus sempre desfrutou.*

7. ORAR A DEUS COMO NOSSO PAI

Com isso, voltamos a Lucas 11: “Jesus estava orando em certo lugar e, quando terminou, um de seus discípulos lhe disse: Senhor, ensina-nos a orar, como João ensinou aos discípulos dele. Ele então lhes falou: Quando orardes, dizei: *Pai*...” (Lc 11.1,2, grifos acrescentados). A primeira coisa que Jesus quer que as pessoas que oram bem saibam é o nome Pai. Essa é a primeira lição sobre a oração, e a mais básica. A relação que ele sempre manteve com o Pai agora partilha conosco — e isso transforma a oração. Nosso instinto é pensar no Deus Todo-poderoso em santa transcendência — Deus sem Cristo. Mas Cristo nos trouxe a esse santo Deus para ser o nosso Pai de braços abertos. Dessa forma, Jesus nos convida — de fato, nos ordena! — a orar “Pai nosso”. Jesus nos diz que devemos sempre nos lembrar de quem Deus é — nosso Pai. Além do mais, ao nosso Pai, a oração é como incenso; é um odor agradável a ele. Em outras palavras, ele se deleita em nos ouvir e socorrer.

Se você continuar a leitura de Lucas, perceberá que logo após ensinar sua oração aos discípulos, Jesus continua ao lhes dizer: “Se alguém tiver um amigo e for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: *Amigo*...” (Lc 11.5, grifos acrescentados). Orar é desfrutar a amizade e assistência amigável de Deus — e pleiteá-la. Não se percebe no relato de Lucas que o amigo responde de imediato e lhe dá o pão, pois é preciso entender que nosso Pai e Amigo celestial deseja que perseveremos em nossas orações. Sem dúvida, Deus poderia nos dar e nos abençoar sem o nosso pedido — e com que regularidade ele o faz em sua graça! Mas o Deus da comunhão quer comunhão conosco. Ele quer que argumentemos suas promessas e seu caráter com ele, pois sua identidade se torna uma realidade ainda mais consciente para nós. Crescemos à medida que persistimos — desenvolvendo nossa apreciação de que ele é o nosso Amigo, a fonte de toda bênção, e de que nós e o mundo precisamos dele para nos endireitar. Portanto, vemos repetidas

vezes no Antigo Testamento que ele não socorria Israel — quando o povo não clamava mais a Deus. Ele deseja que saibamos que a bênção procede só dele. A bênção não é algo natural, e em última instância não pode ser encontrada em nenhum lugar senão em Deus.

Apenas veja como Jesus continua a destacar a paternidade bondosa de Deus: “E qual pai dentre vós, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra? Ou, se lhe pedir peixe, lhe dará uma cobra em lugar do peixe?” (Lc 11.11). Mesmo nós, pais pecadores, não damos veneno aos filhos quando eles se aproximam até nós; mesmo nós podemos ser bons — quanto mais podemos esperar do Pai das luzes, em quem não habita treva alguma! Há algo similar escrito em Isaías. O Senhor diz:

> Pode uma mulher esquecer-se do filho que ainda amamenta, a ponto de não se compadecer do filho do seu ventre? Mas ainda que ela se esquecesse, eu não me esquecerei de ti.
>
> > Eu te gravei na palma das minhas mãos; os teus muros estão sempre diante de mim. (Is 49.15,16)

Jesus enfatiza o conhecimento da bondade liberal e atenta do nosso Deus — essencial para a oração. Pensamos de modo instintivo em Deus sem Cristo — apenas como Senhor e Juiz. E então sentimos que ele não quer nos ouvir, nós, pecadores — e em nossa culpa, não queremos estar em sua presença. Mas quando nos lembramos de sua amizade, de sua paternidade de braços abertos — do fato de ele nos ter adotado — isso nos faz desejar ir até ele.

Jim [James] Packer uma vez escreveu:

> Se quiser julgar até que ponto uma pessoa entendeu o que é cristianismo, descubra que valor ela dá ao fato de ser filha de Deus e de ter a Deus por Pai. Se este pensamento não dominar e controlar suas orações, adoração e toda a sua atitude perante a vida, isso demonstra não ter entendido bem o cristianismo.[3]

Packer está certo, pois se dirigir a Deus como Pai *e querer dizer isso* significa entender bem o evangelho. Você entende que o Filho, que esteve por toda a eternidade “ao lado do Pai” (Jo 1.18),

veio para que pudéssemos estar com ele ali, e para que nós, que o havíamos rejeitado, pudéssemos ser levados de volta — não só como criaturas, mas como filhos, para desfrutar o amor sobejante que o Filho sempre conheceu. Saber que se é filho amado de Deus evita pensar na oração como uma escada até Deus ou como um exercício pelo qual se lhe obtém o favor.

A oração não torna mais aceitável. Ao contrário, orar significa crescer na apreciação do que *já se recebeu*. Pode ser que o coração esteja frio, o amor fraco e as orações pobres, mas o importante é que, unido a Cristo e nele, você é um filho querido — e seu Pai se deleita em ouvi-lo. Sem dúvida, com qualquer outro deus você teria que se aproximar pela força do próprio fervor; com este Deus, único e verdadeiro, podemos nos chegar como somos.

João Calvino disse que oramos, por assim dizer, por meio da boca de Jesus. O Pai sempre deseja ouvir as orações do seu querido Filho — e nós oramos em seu nome. O Filho nos deu seu nome para que orássemos *como ele*. Fomos conduzidos a desfrutar esse relacionamento entre o Pai e o Filho — e na oração nós o fazemos. Assim, uma vez mais, oração é a fé em exercício — crer na promessa divina mais incrível: *podemos* nos aproximar dele, mesmo que nossa frieza e culpa gritem o contrário. Devemos crer que o Altíssimo é nosso Pai amoroso.

E isso é oração: relacionar-se com o Pai como nosso Pai.

Sem dúvida, temos um relacionamento com o Filho e o Espírito também, e assim podemos orar a eles. Mas a oração cristã *normal* é algo mais rico e impressionante: somos unidos na comunhão que Deus como o Pai, Filho e Espírito já desfrutam. Somos levados a essa comunhão. Assim, o Filho — que já intercede por nós junto ao Pai — nos conduz para estarmos com ele diante do Pai. Sob a lei do Antigo Testamento, o sumo sacerdote se dirigia à presença do Senhor no Santo dos Santos *a favor* do restante de Israel, o Filho *nos leva* até o Pai — e ali o Espírito nos socorre. (Veremos mais sobre o papel do Espírito em um momento).

8. ORANDO O TEMPO TODO

Se a oração é comunhão com Deus, então ela pode acontecer de muitas formas. Temos diferentes tipos de conversas com nossos amigos e familiares — de textos e e-mails a bate-papos até altas horas da noite. Da mesma forma, não precisamos tentar "encaixar" Deus *em* cada dia, pois isso significa interpretar a vida de oração como algo diferente do restante da existência. De fato, o perigo surge justo quando você pensa que a vida de oração é algo separado. Não, para o Filho tudo procede da comunhão com o Pai, e assim deveria ser conosco. Quando você sabe que cada dia já é todo de Deus e que temos comunhão com ele o tempo todo, então a oração permeia a totalidade do dia de modo mais natural. Então de forma intuitiva você se encontrará orando mais ao longo do dia, sem sentir a necessidade de ser hiperespiritual e concentrado o tempo todo. Para mim, com frequência, não fica claro se estou orando em determinado momento ou trabalhando; as duas coisas acontecem ao mesmo tempo. Mesmo nos momentos que estabeleço para apenas orar, quase todo dia acho que Senhor responde ao menos uma oração por sabedoria e orientação de imediato e preciso anotar ou agir com base nisso antes de poder continuar orando. Nós temos comunhão com Deus a todo instante. Contudo, tendo dito isso, os relacionamentos só crescerão quando dermos a eles tempo com qualidade. E espero que isso que temos visto melhore seus momentos de silêncio. Quando você passa a pensar na oração como uma atividade abstrata, algo "a ser feito", a tendência é focar *na oração* como atividade — o que a torna entediante. Em vez isso, tenha o foco *na pessoa a quem você ora*. Lembrar-se *diante de quem você está se apresentando* é uma grande ajuda contra a distração, e muda a oração. Isso é justamente o que acontece em Salmos — os salmistas muitas vezes interrompem as petições para falar da fidelidade e bondade do Senhor. Assim deveríamos fazer nós, e nos concentrar de novo em Deus; assim teremos a oração fervorosa e procedente do coração.

9. DEPENDÊNCIA DE DEUS

Orar significa desfrutar de verdade a paternidade de nosso Pai. Mas o que significa exatamente o fato de Deus ser Pai? Em primeiro lugar, significa que ele gera eternamente o Filho. Ele sempre concede vida e demonstra prodigalidade no amor ao Filho. Assim, como Pai, ele é a fonte de toda a vida, amor e bênção. E o que significa ser Filho? O Filho é caracterizado eternamente por receber do Pai. Ora, se esse é o relacionamento ao qual fomos conduzidos, então louvar o Pai como o Filho louva, pedir ao Pai as coisas que Jesus pede e depender do Pai como Jesus depende farão parte da comunhão com Deus. Ao agradecê-lo e louvá-lo, reconhecemos sua bondade e grandeza — ele é bom e todo o bem procede verdadeiramente dele. Ao lhe pedir nossas necessidades, exercitamos a crença que ele é de fato a fonte de todo o bem, e sem ele não podemos fazer nada realmente bom.

Se Deus fosse uma pessoa solitária e independente, a independência seria algo piedoso. Equivaleria a ser como ele. No entanto, da mesma forma que o Filho sempre depende do Pai, essa é a natureza da piedade cristã. Ser cristão tem ligação, antes de tudo, com os atos de receber, pedir e depender. Quando você não se sente necessitado (e, portanto, não ora muito), perde a noção da realidade e pensa ou age de maneira não cristã. De fato, à medida que cresce como cristão, você não deve se sentir mais autossuficiente, e sim mais necessitado. Se você não se sente assim, não tenho certeza de seu crescimento espiritual. Contudo, se você sente de fato sua dependência de Deus, a oração apenas fluirá dessa condição.

Orar, então, é desfrutar o cuidado do Pai poderoso, em vez de ser deixado à solidão assustadora em que tudo se opõe a você. A oração é a antítese da autodependência. É nosso “não” à independência e o “não” à ambição pessoal. É o exercício da fé — você precisa de Deus e é um receptor carente de ajuda. Com isso em mente, em vez de perseguir o ídolo da própria produtividade,

sejamos filhos dependentes — e que as ocupações que poderiam nos impedir de orar *nos conduzam* à oração. Só então — como o Filho — podemos ser verdadeiramente frutíferos.

10. O ESPÍRITO NOS AJUDA

O Filho nos levou para estar com ele — nele — diante do Pai. Desfrutamos isso na oração. Mas qual é o papel do Espírito? Bem, o Filho realiza todas as suas obras no poder do Espírito. Na Criação, a Palavra de Deus avança no Espírito ou sopro de Deus. Assim, lê-se em Gênesis que o Espírito pairava (Gn 1.2), e em seu poder a Palavra de Deus agia, por exemplo, com o comando "Haja luz" (Gn 1.3). Jesus começa seu ministério no batismo, ao ser enviado ao deserto pelo Espírito. Ele expulsa demônios pelo poder do Espírito. O Espírito é também quem move o Filho à comunhão com o Pai. Por exemplo, Lucas registra: "Naquela mesma hora Jesus exultou no Espírito Santo e disse: Graças te dou, ó Pai" (Lc 10.21*a*). Essa é a obra do Espírito no Filho, e essa é sua obra nos filhos de Deus. O mesmo princípio é explicado em Romanos: "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes um espírito de escravidão para vos reconduzir ao temor, mas o Espírito de adoção, pelo qual clamamos: *Aba, Pai*! O próprio Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus" (Rm 8.14-16*a*, ênfase minha). O Espírito grava a verdade ensinada na Escritura a respeito da nossa adoção por Deus no nosso coração, para que saibamos que somos seus filhos, e assim clamemos: "Aba!". O Espírito é o vento nas velas da nossa oração, pois ele nos alcança no amor do Filho ao Pai. Ele nos faz saber que também somos amados, e nos faz amar como o Filho ama. A oração, então, não é na verdade uma conversa de mão única — nós com Deus. Não, na oração, Deus fala por meio de nós com Deus. Somos conduzidos à comunhão divina. O Espírito do Filho clama ao Pai por meio de nós.

Paulo então continua: "Do mesmo modo, o Espírito nos socorre na fraqueza, pois não sabemos como devemos orar, mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos que não se expressam com palavras" (Rm 8.26). O versículo é extremamente útil se você estiver interessado na comunhão genuína com Deus. O

Espírito sabe que somos fracos, que lutamos para orar e que muitas vezes não sabemos orar — e seu desejo é nos ajudar. Isso significa que não precisamos fingir ser gigantes na oração ou fazer resoluções fora do nosso alcance. Visto que o Espírito conhece nossas fraquezas, podemos ser reais com nosso Pai, aceitando que não passamos de bebês na fé, e apenas balbuciamos o que se encontra no coração. De fato, essa é a forma de crescer no relacionamento com Deus. A verdadeira intimidade é algo adquirido, algo que se desenvolve — mas se desenvolve apenas com honestidade. Assim, se sua vida de oração é inadequada, sugiro começar outra vez balbuciando como filho ao Pai. Clame por socorro. Não tente impressionar.

11. O ESPÍRITO NOS ASSEMELHA A CRISTO À MEDIDA QUE ORAMOS

Outra coisa que o Espírito faz é nos transformar à semelhança de Cristo. Ele nos ajuda a sermos dependentes e pessoas que oram, e ao nos levar ao relacionamento com o Pai e o Filho, ele nos conduz a compartilhar a vida e o *propósito* de Deus. Nossos desejos começam a repercutir os desejos de Deus, suas paixões se tornam nossas, e assim começamos a tomar parte no amor e na compaixão dele em relação a seu povo e ao mundo. Como consequência, tornamo-nos intercessores e sacerdotes, como nosso Sumo Sacerdote Jesus que intercede de forma contínua. O Espírito trabalha para nos tornar semelhantes a Cristo nesse respeito. Há algo impressionante em Mateus 9:

> Vendo [Jesus] as multidões, compadeceu-se delas, porque andavam atribuladas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor. Então disse a seus discípulos: Na verdade, a colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos; rogai ao Senhor da colheita que mande trabalhadores para a sua colheita. (Mt 9.36-38)

Ora, por que Jesus pediu aos discípulos para orar por isso? Com certeza ele mesmo poderia pedir, não? Ele sentia a compaixão, e sua oração não seria mais eficaz que a de todos eles juntos? No entanto, Jesus deseja que os discípulos *se juntem a ele nisso*, sejam cooperadores e participantes na vida divina, compassiva, expansiva e missionária que Jesus partilha com seu Pai no Espírito.

12. O ESPÍRITO NOS UNE EM COMUNHÃO COM DEUS

É preciso fazer mais uma afirmação sobre o Espírito: ele é o Espírito da comunhão. Ele desperta o amor que o Pai e o Filho têm um pelo outro, e nos une como família ao Pai. Assim, como há sociedade no céu, ela também existe na terra. Em cada ponto vimos que a orar significa apenas abraçar a realidade cristã: somos necessitados, somos filhos de Deus e assim por diante. Mas por causa da natureza do nosso Deus, o Espírito não nos conduz apenas ao Pai em Cristo — ele nos leva *juntos* a Cristo como *família* do Pai. Portanto, também oramos em conjunto com Cristo como irmãos e irmãs diante do Pai.

A oração comunitária, então, é a síntese da vida cristã — a família do Pai que aproxima dele em conjunto para compartilhar suas preocupações. Essa é, de certa forma, a razão de a reunião de oração consistir em uma luta da carne contra o Espírito: você ameaçará seus irmãos com orações impressionantes e, na verdade, ignorará a Deus, ou se aproximará de verdade do Pai e buscará a bênção dele para os irmãos? O ato pode consistir em mera formalidade — a chance de competir com os outros — ou pode promover a unidade de forma maravilhosa. Isso se aplica a orar *por* alguém e a orar *com* alguém. Se você ora *por* alguém que o magoou, você perceberá ser muito difícil guardar raiva, ressentimento, suspeita ou ódio quando orar por essa pessoa. Orar *com* alguém também pode ser uma experiência poderosa. Quando amigos decidem orar juntos de modo sincero, talvez espontaneamente, não raro você começará a sentir uma proximidade extraordinária, uma intimidade com o outro. Vocês se comportam como família. Orar *pelo* outro é partilhar a compaixão do Pai. Orar *com* o outro significa ser família e promover a unidade amada por Deus.

13. DESFRUTAR A VIDA DE DEUS

Espero que essas verdades possam servir de encorajamento. A oração não é uma atividade abstrata; ela consiste no principal exercício da fé. É exercer a crença de que o Todo-poderoso é meu Pai sempre disposto e amoroso, e que, aceitando-me no Filho, ele quer me ouvir e socorrer. Significa entender que, de fato, *cada* pessoa da Trindade é *por* nós em nossa fraqueza. Nosso Sumo Sacerdote está repleto de afeição por nós — afeição de irmão. Tendo sido ele mesmo tentado, não nos despreza por sermos tentados, mas tem compaixão e quer nos ajudar.

O Filho nos dá o direito de aproximarmos com ousadia em seu nome como filhos aceitos. Então nosso Pai e o Filho nos dão seu Espírito precisamente para nos ajudar a desfrutar a condição de filhos, ou seja, a vida amorosa e liberal de Deus.

14. ASSIM, EXERCITE SUA FÉ E ORE!

Seria maravilhoso se você pudesse contar agora com alguma privacidade e pudesse passar um tempo com nosso Pai, pensando sobre sua comunhão com Deus. Pense como suas orações são na realidade. Talvez seja o momento para um pequeno autoexame: se a oração é o principal exercício da fé, *por que* você não ora? Seja honesto. As razões podem ser reveladoras. Você sente não dispor de tempo? Isso provavelmente revelar certa autodependência. Não considera o Pai como alguém com quem realmente quer passar algum tempo? Isso é revelador, e você precisa de um novo vislumbre da glória de Cristo para despertar sua fé de novo. Pode ser que, lá no fundo, você lute para crer que este é de fato o mundo do Senhor? A falta de oração algumas vezes revela essa mentalidade. Pense. Mas à medida que reflete, seja encorajado por um dos salmos:

> O SENHOR sustenta todos os que estão para cair e levanta todos os abatidos. Os olhos de todos esperam em ti, e tu lhes dás provisão a seu tempo; abres a mão e satisfazes o desejo de todos os viventes. O SENHOR é justo em todos os seus caminhos e *bondoso* em *todas* as suas obras. *O SENHOR está perto de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade*. Ele cumpre o desejo dos que o temem; ouve seu clamor e os salva. (Sl 145.14-19, ênfase minha)

Com isso em mente, exercitemos nossa fé e oremos!

---

[1] Entre outros, recomendo *O poder de uma vida de oração* (Vida Nova), de Paul Miller; *Começando pelo Amém* (Cultura Cristã), de Bryan Chapell; *Oração e revelação* (Monergismo), de Vincent Cheung; *Se Deus já sabe, por que orar?* (Cultura Cristã), de Douglas Kelly. Além disso, leia tudo o que Edward McKendree Bounds escreveu sobre oração.

[2] *Luther's Works*, 48, p. 256.

[3] *O conhecimento de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 1996, p. 242-3.